

de; conversa. Suas sentenças rudes e singelas, baseadas em razões complicadas, nunca deixam a palestra esmorecer".

Mal começara êle a libertar seu cérebro e seu coração de toda a rija camada dos lugares comuns, dos instintos e dos sentimentos, e já o penetra o espírito vivo. Surgem-lhe da alma os símbolos primitivos, graças aos quais o mundo se renova constantemente. Seu ouvido passa a perceber o crescimento e a atuação da natureza e da história. Identificado com o "devenir" do tempo e sua tendência plasmadora, começa a proclamar aquela "vontade" que êle descobriu. No caráter apaixonado de suas expressões se manifesta a circulação duma seiva fresca; na agitação do seu espírito, nas metamorfoses do seu ser, reconhecemos essa mesma época nova que luta por encontrar sua expressão exata.

As idéias estereotipadas, que avassalam a vida espiritual e política daquela época, apresentam a vida universal inteira como um gigantesco mecanismo seguro, regulado pelo conhecimento racional progressivo, e em que a democracia, por ser o mais razoável de todos os regimes políticos, garante a segurança e a eterna paz universal, dentro da qual terá ela em breve eliminado os últimos perigos que ainda ameaçam a vida. Libertação de todas as angústias da existência, segurança em face de qualquer fatalidade — êsse sonho perpétuo das comunidades religiosas quiliásticas, tornou-se agora uma frase banal na boca de cada um, uma vez que as prensas modernas do século XIX a cospem diariamente ao mundo nos artigos de fundo, nos discursos e nas opiniões proferidos por ministros e homens políticos.

"Papai Sorel", porém, é perito na arte de ler os jornais e os livros com olhos que decifram, nas entrelinhas, coisas que ficarão ainda por muito tempo inéditas. O ouvido com que colhe as opiniões de oradores, de jornalistas, de operários e de gente humilde percebe entre as opiniões múltiplas e o palavrorio abundante uma contradição longínqua, — palavras que ninguém ainda formulara, e que mesmo só chegarão a ser pensadas daqui a muito tempo. Seu ouvido subtil surpreende, na quietude daqueles anos, um bramido surdo vindo das profundezas. Êste bramido anuncia-lhe a próxima luta dos povos, ainda envolta na paz como uma crisálida no seu casulo, mas que um dia há de romper o seu envólucro. Veremos, então, toda a "máquina universal", de funcionamento tão suave, essa orgulhosa invenção da ciência da "Aufklaerung" cair tão completamente em ruínas que afinal nem os vestígios dos seus destroços poderão atestar-lhe a antiga existência. A própria matéria com que a ciência construíra aquela máquina ter-se-á então pulverizado em bilhões de elétrons turbilhonando invisivelmente, entre os quais ninguém mais conseguirá

orientar-se. Os que ainda acreditarem no progresso serão destruídos, e a forma política que consideravam antes como a mais razoável será objeto de escárneo para o mundo. E a violência é que reinará então, predestinada a estabelecer um novo universo e uma nova ordem e a ensinar aos homens que toda existência somente alcança um sentido quando amadurecer até constituir uma necessidade mítica e que a felicidade verdadeira não é a segurança e sim a vida perigosa.

Sorel, em vez de se contentar com silogismos transformados em máximas, deixa-se penetrar pelo grande fluxo real da vida. A inteligência amplamente aberta dêste homem idoso, a história aparece, não como um progresso lógico e linear, não como uma oposição dialética, não como um determinismo econômico mecânicamente ordenado, baseado em causas e efeitos, e sim como um "devenir" eterno, que, sem consideração alguma pelo bem ou pela ruína da humanidade, de repente e sem "causa", surge de profundezas misteriosas eternamente inacessíveis à razão. Esse perpétuo fluxo vital estabelece pontos de partida sempre novos, torna a trazer à baila tudo o que antes parecera definitivamente fixado e coloca a humanidade em face de trabalhos e problemas sempre novos e sempre imprevisíveis.

O que, mais tarde, a teoria dos "quanta" e a paleontologia descobriram no domínio dos fenômenos naturais, quer dizer, a discontinuidade, o salto, o caráter catastrófico e dinâmico da vida, já tinha sido descoberto por Sorel na história.

Desaparecendo assim do "devenir" histórico tudo o que podia significar segurança, racionalismo, libertação da dor, conjuração das forças obscuras, amansamento e dominação da fatalidade, tornando-se assim a própria vida e o próprio Cosmos perigosos perpétuos, — como seria possível ao homem continuar a adorar seus falsos ídolos da Razão, da Paz e da Democracia? Como podia êle imaginar que o Criador supremo fôsse capaz de se agradar de "idéias" absolutas e constantes, de "segurança" e "conforto"?

Não, aquele Criador supremo é a causa primitiva que torna a criar eternamente. O que êle gerou e quis, foi o fenômeno que se produz uma vez e nunca se repetirá. Não é a ordem que surge de pequenos cérebros humanos que é capaz de harmonizar-se com aquela vontade, e sim, unicamente a violência, que produz eternamente a vida, que realmente provém do seio da natureza livre, não predeterminada. Uma ordem, entretanto, que tudo encerra e acaba, em verdade apenas constitue uma apostasia do Criador!

Violência, eis pois o novo evangelho pregado por Georges Sorel. É a ela que a humanidade tem de se converter, se quiser participar do "devenir" da história, da formação do porvir. A humanidade tem, pois, concomitantemente, de renunciar a isso de querer por todos os lados "garantir-se" contra todas as forças desconhecidas da vida. Pois garantir-se constitue uma traição ao "devenir", uma deserção.